

A GUERRA DO PARAGUAI: HISTORIOGRAFIA E DEBATE

**CUNHA FILHO, Miguel Ângelo Melo Vieira¹; MOTA, Fabrício da Silva²;
SOUZA, Paulo Giovanni Correia de³; VIEIRA, Airton Munhoz⁴; BARUM, Amílcar⁵**

1 Acadêmico de História. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: miguelcunhafilho@hotmail.com

2 Acadêmico de História. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: fabricao.mota@hotmail.com

3 Acadêmico de História. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: poka_fomi@hotmail.com

4 Acadêmico de História. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: versipellium.anao@gmail.com

5 Acadêmico de História. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: amilcarbarum@uol.com.br

PERES, Sebastião⁶

6 Orientador. Professor Doutor. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: sebasper@terra.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo o debate acadêmico acerca da formação historiográfica, Latino-Americana, da Guerra do Paraguai, problematizando-a e trazendo a tona às diversas vertentes existentes sobre a temática, desde as contidas nas obras tradicionais até as obras mais recentes. A seara que suscitou tais problematizações fora o Grupo de Estudos sobre a Guerra do Paraguai, coordenado e organizado pelo professor da Universidade Federal de Pelotas, Sebastião Peres. Sendo a maior gesta latino americana a guerra do Paraguai ergueu vozes destoantes ao longo do tempo, colocando em xeque a legitimidade de algumas vertentes quanto às causas da guerra, seu desenvolvimento e seu objetivo. Desta forma, faz-se necessário entender os diversos contextos históricos nos quais autores clássicos como Taunay, Dionísio Cerqueira, Julio Jose Chiavenatto, León Pomer e mesmo a nova historiografia abordando a temática com Doratioto escreveram sobre o assunto, assim como as suas ideologias e posições, o contexto sociopolítico do período em que tais obras surgiram mostram-se imprescindível para que se tenha uma pesquisa fidedigna e verossímil com a história e sua academicidade. O objetivo do trabalho em si é analisar as ideologias incutidas em cada uma das principais vertentes existentes sobre a temática e com isso problematizar a sua viabilidade acadêmica, assim como meritocracia historiográfica.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Buscando alcançar os objetivos propostos pelo presente trabalho, foi feita uma revisão bibliográfica das obras clássicas representantes das principais vertentes historiográficas sobre a temática, assim como das novas correntes que emergiram nas últimas décadas, aliado à análise de fonte primária como jornais e documentos da época fotocopiados. Todavia buscou-se no debate em grupo analisar, problematizando e consolidar os diferentes pontos de vista e ideologias, presentes nas obras, situando seu contexto sócio-político e, assim como seu efeito sobre a historiografia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A persistência do Estado monárquico brasileiro, em sustentar a guerra teve como apoio, no plano das idéias, a justificativa de ter sido o Brasil agredido sem

prévia declaração de guerra e de que Francisco Solano Lopez era um megalômano, cuja permanência no poder no Paraguai constituiria permanente ameaça para paz na região e para a segurança das fronteiras nacionais. Sob essas afirmações foi que o império articulou brasileiros de todas as províncias para a luta e, pela primeira vez na história do Brasil independente, se combateu pela mesma causa de norte a sul do país. Uma guerra justificada pelas ações tirânicas de um ditador, que oprimia o seu povo e visionariamente pretendia consolidar o seu domínio sobre os demais nações palatinas e americanas foram as causas que levaram a eclosão do conflito segundo a vertente mais tradicional, de cunho nacionalista, que surgiu logo após a guerra, considerada como sendo a maior gesta Latino-Americana da história, e que fora escrita, sobretudo, por aqueles que lutaram no conflito:

A geração daqueles que lutaram na guerra, quer nos países aliados, quer no Paraguai, não registrava de forma positiva o papel histórico de Solano Lopez, Havia certeza da sua responsabilidade, quer no desencadear da guerra, ao invadir o Mato Grosso, quer na destruição de seu país, pelos erros na condução das operações militares assim como da decisão de sacrificar os paraguaios, mesmo quando caracterizada a derrota, em lugar de por fim ao conflito. (Doratioto, 2002, p.18).

Ainda dentro desta perspectiva, podemos destacar, como forma de exemplificar tal historiografia, a visão de Jose Campello d`Albuquerque Galvão, em seu Diário da Guerra do Paraguai:

A Guerra do Paraguai, página virada de nossa história, de que pouco se fala, iniciou-se devido à ganância e ambição do tirano Solano Lopez, que entendeu de invadir o território brasileiro, com o fim de estender seu poder a toda América do Sul. (GALVAO,1995, p.17).

Destoando de tal interpretação acerca do conflito, no final do século XIX e início do XX, pensadores adeptos da filosofia comtiana, positivista, discordantes do sistema monárquico de governo, passaram a responsabilizar o império brasileiro pelo início da guerra, desprestigiando e acusando o monarquismo brasileiro de retrogrado e opressivo. No mesmo período, surgiu no Paraguai o revisionismo sobre a figura de Solano Lopez, que teve sua imagem “reconstituída”, passando a ser considerado um grande estadista e chefe militar, suscitando que, posteriormente, houvesse a utilização de tal imagem para equiparar e mesmo justificar líderes ditatoriais do país, como: Rafael Franco (1936-7) e Alfredo Stroessner (1954-89).

Entretanto, nova versão fora construída na década de 1960, a qual denomina-se revisionismo ,onde intelectuais nacionalistas e de esquerda do rio da Prata, destacam Solano Lopez como líder antiimperialista. Tal vertente historiográfica, culmina por assumir um caráter populista que põem o Paraguai Pré-Guerra como sendo um país desenvolvido, autônomo e com ínfimo índice de analfabetismo, além de uma independência econômica em relação ao capital estrangeiro, ou seja, dentro da visão revisionista o Paraguai seria um país modelo, e como tal deveria ser aniquilado pela maior potencia industrial e capitalista no período a Inglaterra que para tal utilizasse da manipulação política arquitetando um tratado secreto onde compactuariam: Brasil, Argentina e Uruguai em um sentido “unísson” e objetivo destruir o Paraguai e seu líder Solano Lopez, destruindo assim o “mau exemplo” construído por este país e ao mesmo tempo sendo responsável por toda sua famigerada situação econômica, política e social, legando as gerações futuras um verdadeiro estado de miséria. Sendo assim, os heróis de ontem (Caxias, Osório, Conde D`eu, Conde de Porto Alegre, General Mallet, Mitre) passam a ser

considerados genocidas, assassinos guiados por uma máquina de destruição, o exército nacional ao qual pertenciam.

A visão revisionista tem na obra de León Pomer intitulada “La Guerra Del Paraguay: gran negocio!”, publicada em 1968 na Argentina um exemplo marcante e talvez de maior importância dentro de tal visão devido seu caráter contestador e mesmo expansivo, incidindo sobre os escritos de vários autores do período como o jornalista brasileiro, Julio José Chiavenatto e sua obra Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai.

A obra de Chiavenatto influenciaria várias gerações e ainda hoje é difundida através dos livros escolares como a verdade acerca do conflito, consolidando os ideais do movimento revisionista.

Contudo, nos últimos anos uma nova vertente historiográfica tem surgido no meio acadêmico, pautada em pesquisas exaustivas, em análise de material de fonte primária e comprometidas metodologicamente com as normas de produção acadêmica contestando o revisionismo em relação a Guerra do Paraguai, sobretudo no que tange as motivações e desenvolvimento do conflito assim como acerca da imagem de Solano Lopez e mesmo do papel inglês no conflito. Desta forma, tal vertente, que consideramos como um “revisionismo acadêmico”, tem na obra de Francisco Doratioto: Maldita Guerra, editada pela Companhia das Letras em 2002, o material mais completo e citado na atualidade, o qual, apoiado em vasta e diversificada documentação, parte dela inédita, busca explicar as origens da guerra e o seu desenvolvimento de forma fidedigna e comprometida, revolucionando, assim, o modo de ver o conflito, levantando a importância de que hajam novas e contundentes pesquisas buscando “desmistificar” os mitos e inverdades que foram construídas e consolidadas como verossímeis ao longo da história. Doratioto afirma que a teoria conspiratória proposta pelo revisionismo, vai contra a realidade dos fatos e não tem provas documentais; ao contrário:

“Em suma, seja a historiografia nacional-conservadora ou mesmo o revisionismo simplificaram as causas e o desenrolar da guerra do Paraguai, ao ignorar documentos e anestesiar o senso crítico. Ambos substituíram a metodologia do trabalho histórico pelo emocionalismo fácil e pela denúncia indignada. (DORATIOTO, 2002, p.20).

Desta forma, o debate acerca das vertentes historiográficas tradicionais e mesmo da nova visão historiográfica revisionista acadêmica se faz necessário para desnudar as verdades que a guerra do Paraguai ainda hoje “teima” em esconder, trazendo a luz da razão os fatos verossímeis que compõem tão importante conflito.

4 CONCLUSÕES

Após inúmeros debates e estudos realizados é perceptível a complexidade da temática em si, as diversas correntes carregam consigo um arsenal ideológico particular de uma época, que visa legitimar preceitos e anseios de classes e instituições existentes. Sendo assim, cada corrente procura legitimar sua visão segundo interesses particulares, seja o nacionalismo conservador do pós-guerra e a construção de seus heróis, seja a visão positivista e sua contestação ao regime monárquico de governo, ou mesmo a simplificada versão populista do revisionismo que coloca sobre o exército nacional brasileiro a alcunha de genocida como forma de combater a ditadura que neste momento prevalecia no país, todos são guiados por fatos academicamente incomprovados, portanto, inadequados

metodologicamente. Desmistificando tais posições e buscando em documentação diversificada o comprometimento com a criticidade temos o revisionismo acadêmico desenvolvido na atualidade que tem ganho maior respaldo historiográfico no sentido que busca a veracidade historiográfica através das fontes. Porém mesmo essa corrente incorre em erros como o de negligenciar a participação de parcelas importantes da população que lutaram, sua realidade e motivações. Presa no incessante desejo de descortinar as verdades documentais, renega a análise da realidade na qual lutaram as parcelas mais populares das nações envolvidas, construindo uma história vista de cima. Deste modo, conclui-se que inegavelmente a historiografia acerca da Guerra da Tríplice Aliança vem ao longo do tempo, sofrendo alterações, resultante dos diferentes momentos e intenções com a pesquisa, desta forma como o modo como essa vem sendo realizado. Para que um novo passo seja dado faz-se necessário a realização de um debate acerca das linhas historiográficas assim como a busca , por meio da pesquisa, de novos elementos que possam contribuir para o preenchimento das brechas deixadas pelo conflito e sua historiografia.

5 REFERÊNCIAS

CHIAVENATTO, Julio José. **Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai**. São Paulo: Ed.Brasiliense, 1979.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GALVÃO, José Campello d'Albuquerque. **Diário da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Unigraf, 1995.

POMER, León. **La Guerra del Paraguai: gran negocio!**. Buenos Aires: Caldén, 1968.

SERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1980.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **A Retirada de Laguna**, São Paulo, Melhoramentos, 1963.